







O Estado da Arte das Pesquisas sobre Bandas de Música no Brasil: uma revisão sistemática integrativa das produções acadêmicas, entre 2009 e 2020



The State of the Art of Research on Music Bands in Brazil: An Integrative Systematic Review of Academic Productions between 2009 and 2020

  **Eduardo Lucas da Silva**
UNIRIO, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
eduardo.silva@edu.unirio.br

  **Paula Maria Galama**
FAMES, Vitória, Espírito Santo, Brasil
paula.galama@fames.es.gov.br

  **Eduardo dos Santos Mariano**
FAMES, Vitória, Espírito Santo, Brasil
eduardomarianomusico@gmail.com

  **Igor Cowosque Costa**
UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil
igor.cowosque@gmail.com

  **Jefferson Costa Silva**
FAMES, Vitória, Espírito Santo, Brasil
jeffersoncsilva2@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta estudo sistemático do estado da arte das produções acadêmicas relacionadas às bandas de música no Brasil. Um protocolo de revisão sistemática integrativa foi elaborado e implementado na execução da pesquisa. O escopo sobre o qual incidiu a revisão sistemática integrativa considerou apenas teses, dissertações e artigos, publicados e indexados no

Brasil, entre 2009 e 2020. Foram encontrados e categorizados 186 trabalhos. Os dados obtidos foram analisados e discutidos.

Palavras-chave: Banda de música; Banda Sinfônica; Fanfarra; Banda Marcial; Ensino Coletivo.

Abstract: This article presents a systematic study of the state of the art of academic productions related to music bands in Brazil. An integrative systematic review protocol was designed and implemented in the execution of the research. The scope of the integrative systematic review considered only Theses, dissertations and articles, published and indexed in Brazil, between 2009 and 2020. 186 studies were found and categorized. The data obtained were analyzed and discussed.

Keywords: Music band; Symphonic band; Fanfare; Marching band; Collective teaching.

Submetido em: 9 de agosto de 2022

Aceito em: 9 de abril de 2023

Introdução

As bandas de música desenvolvem importante papel social no Brasil, seja pela democratização do ensino musical, seja pela promoção de práticas culturais que valorizam traços regionais de grande importância para a comunidade em geral. Dessa forma, é meritório concluir que essas entidades musicais desfrutam de grande prestígio da sociedade e, portanto, torna-se relevante a busca pela documentação, conservação e divulgação do patrimônio histórico e artístico das bandas de música. Com isso, constata-se ser oportuno desenvolver, no âmbito do Grupo de Pesquisa Musicológica do Espírito Santo (GPEMUS), um trabalho que visasse ao levantamento de estudos científicos e à obtenção de dados de cunho quantitativo e estatístico sobre o tema “Bandas de Música no Brasil”, com o intuito de fornecer ferramentas e fomentar a pesquisa acadêmica acerca do tema.

O ponto de partida deste artigo foi um estudo realizado por Kandler e Figueiredo (2010), intitulado: “Bandas de música: um levantamento sobre as pesquisas realizadas no Brasil em cursos de pós-graduação *strictu sensu* entre 1983 e 2009”. Nessa pesquisa, os autores se propõem a listar as teses e as dissertações produzidas entre 1983 e 2009, e, ainda, a analisar quantitativamente o material encontrado. Outro estudo que visa a compreender o universo acadêmico das produções relacionadas às bandas de música é o dos pesquisadores Silva e Protásio (2018), intitulado “Uma revisão de literatura sobre bandas de música: dados bibliográficos com base em publicações da ANPPOM e ABEM (2013-2017)”. O presente trabalho, porém, diferencia-se pela sua metodologia, que busca, na revisão sistemática, os recursos necessários para integrar, extrair e processar os dados, com uma profunda preocupação em evitar alguns vieses, tais como os de processamento de dados, seleção e confirmação.

No presente estudo, buscou-se responder à seguinte questão: qual é o estado atual dos estudos acadêmicos brasileiros relacionados às bandas de música? Portanto, propõe-se uma

contribuição ao campo de estudos das bandas de música no Brasil, evidenciando caminhos e apontando eventuais lacunas na abrangência das pesquisas.

Para a delimitação da formação instrumental investigada, adotamos as categorias estabelecidas por Silva (2018, p. 10-13), que define 'Bandas de música' ¹ como conjuntos instrumentais compostos fundamentalmente por instrumentos de sopro e percussão. Esta definição engloba também os termos: "banda musical"; "banda sinfônica"; "orquestra de sopros"; "banda marcial"; "banda de concerto"; "fanfarras"; "filarmônicas"; e "bandas militares". Ao longo deste estudo, será utilizado, de forma genérica, o termo 'banda de música'.

Este estudo encontra-se dividido em quatro partes: inicialmente são trazidos alguns dados históricos que permitem circunscrever a inserção histórica da banda de música no Brasil. Em seguida, elencam-se os principais métodos e os recursos científicos empreendidos na execução do estudo, seguido da apresentação dos dados obtidos e a sua categorização. Por último, evidenciam-se alguns aspectos significativos provenientes da coleta de dados, bem como a explanação de lacunas que foram observadas na amostra pesquisada.

Breve panorama histórico

A trajetória das Bandas de Música no Brasil se confunde com a evolução da colonização do território brasileiro, uma vez que eram repetidas, aqui, e em certo grau, as práticas históricas socioculturais herdadas de Portugal. As práticas musicais transportadas da corte portuguesa e lentamente replicadas aqui eram originárias de um cenário socioeconômico semelhantes à própria evolução da sociedade portuguesa do século XV ao século XVI, na medida em que as áreas urbanas se desenvolviam, mas ainda atuavam como centros administrativos das áreas rurais. Assim como ocorreria no Brasil Colônia, Portugal tinha, no reinado de D. Duarte (1433-1437)

um panorama de comunidades rurais isoladas que valorizavam a identidade regional, uma vez que o indivíduo se diluía na coletividade. Segundo Tinhorão (1998),

Quando tal gente rural se divertia em suas pequenas vilas e povoados, suas danças e cantos constituíam sempre reuniões da comunidade ao ar livre, com rodas e pares evoluindo nos terreiros – vozes em coro – ao som de instrumentos feitos para animar os ritmos e dominar o alarido: gaitas, flautas, pandeiros, adufes, atabaques, bombos e tamboris (Tinhorão, 1998, p. 19).

Essa valorização da identidade conferia às reuniões e celebrações o papel social desses grupos engajados de cantores e instrumentistas que, posteriormente replicados em terras brasileiras, contribuíram significativamente para a formação cultural do Brasil. Dentro deste contexto, as Bandas de Música emergiram como um componente integral, evoluindo, de um lado, da tradição da música de barbeiros — urbana — e de outro, dos conjuntos instrumentais preservados nas grandes fazendas — rural (Tinhorão, 1998).

A historiografia musical brasileira apresenta inúmeros exemplos das interações musicais mediadas pela prática musical coletiva, sobremaneira a prática de bandas de música. Contudo, o interesse pelo assunto é recente e guarda inúmeros desafios, a exemplo da trajetória histórica das bandas de música, sobre a qual se discorrerá mais adiante.

Durante os primeiros duzentos anos da colonização, desde a chegada dos portugueses ao Brasil, guardadas as diferenças locais, instituiu-se na Colônia uma reprodução do que se fazia em Portugal (Tinhorão, 1998). A economia e, conseqüentemente, a cultura, desenvolveram-se inicialmente no litoral, avançando Brasil adentro com as Entradas e Bandeiras, a partir da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo, até alcançarem Minas Gerais e Goiás, direcionando-se posteriormente ao sul (Rezende, 1989).

As políticas administrativas transladadas de Portugal para a Colônia promoveram a mesma polaridade urbana e rural, citada por Tinhorão (1998), assim como suas consequências.

A música se dividia entre religiosa e erudita. A primeira foi mantida pelos padres em seus colégios desde o século XVI, com a chegada dos primeiros jesuítas à Bahia, em 1549 até sua expulsão em 1759. No século XVIII, o ensino e a organização da prática musical setecentista religiosa no Brasil Colônia ficavam a cargo dos mestres de capela instituídos nas principais igrejas das vilas e sesmarias (Rezende, 1989). A música era categorizada em religiosa e erudita. A música religiosa era mantida pelos padres em seus colégios desde o século XVI, iniciando com a chegada dos primeiros jesuítas à Bahia, em 1549, até a sua expulsão em 1759. No século XVIII, o ensino e a organização da prática musical religiosa setecentista no Brasil Colônia estavam sob a responsabilidade dos mestres de capela, instituídos nas principais igrejas das vilas e sesmarias (Rezende, 1989). A música erudita manifestava-se através dos conjuntos formados por ricos senhores de engenho e fazendas, que, quando não atendiam às demandas litúrgicas, convertiam-se em sinônimos de ostentação (Tinhorão, 1998). De acordo com Maria Conceição Rezende (1989), “sabe-se que, desde o século XVII, eram expedidas autorizações para que os mestres-de-capela abrissem para escolas de música. Esses processos de ensino, ligados às igrejas, certamente foram responsáveis pela atividade musical setecentista” (Rezende, 1989, p. 163).

Essa evolução dos conjuntos musicais e dos processos de ensino, junto com a determinação jesuítica, se daria a partir dos primeiros instrumentos trazidos ao Brasil, sobre o qual encontram-se os seguintes relatos: segundo Maria Conceição Rezende (1989), aproveitando a fundação da Companhia de Jesus, “o Rei de Portugal enviou ao Brasil, com Tomé de Souza, seis jesuítas chefiados por Manoel da Nóbrega. Eram os padres Leonardo Nunes, Antônio Pires, dois irmãos leigos e o Pe. João Azpilcueta Navarro (parente de Ignácio de Loyola), que era bom músico; carregava consigo organeto com o qual acompanhava os cantos religiosos”

(Rezende, *ibid.*, p. 29). Ainda anterior a essa referência, encontra-se em Tinhorão (1998) a referência a trombetas, gaitas-de-foles e ao tamboril em dois trechos da carta de Pero Vaz de Caminha:

Segundo Caminha, no quinto dia após a chegada, ou seja, no domingo, 25 de abril, o capitão foi com uma equipe até perto da praia de onde os índios lhe acenavam e, satisfeita a curiosidade – conforme escrevia –, ‘viemo-nos às naus, a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem mais os constranger’. [...] E como a indicar que a maioria dos tripulantes das naus e dos que saíam para a aventura do mar era gente das regiões rurais então em decadência, o outro instrumento musical citado logo adiante na carta de Caminha seria exatamente o segundo mais encontrado, ao lado da gaita-de-foles, entre o povo português: o tamboril (Tinhorão, 1998, p. 37).

Tais referências são ponto de partida para a construção do instrumental que daria forma aos conjuntos musicais espalhados pelo Brasil, mantidos inicialmente nas grandes propriedades, e que seriam o “embrião” das bandas de música.

É importante destacar que esse desenvolvimento ocorreu de maneira peculiar nas cidades: no Rio de Janeiro, essa evolução direcionou-se para o crescimento da música de barbeiros², que, mais tarde, daria lugar às bandas militarizadas e à profissionalização das bandas que atuariam no carnaval. Um cenário similar se desenhou na Bahia, onde a música de barbeiros foi substituída por grandes grupos instrumentais, sustentados pelos proprietários das vastas fazendas, migrando do ambiente rural para o urbano em um período subsequente ao ocorrido no Rio de Janeiro, devido à própria transformação urbana que se desenrolava. Segundo Tinhorão (1972), é impossível saber quantas seriam essas bandas de escravos que representavam a ostentação dos senhores no século XVII. Segundo o autor:

Possuir um grupo de músicos numa fazenda, além de preencher o vazio de existência cultural, tendo em vista a distância das cidades – onde as igrejas e, a partir do fim de 1700, as primeiras casas de ópera, já atendiam, bem ou mal, a essa necessidade – com o tempo passou a valer também por uma ruidosa demonstração de poder pessoal (Tinhorão, 1972, p. 75).

Essa tradição, que remonta ao século XVII, foi levada até os últimos dias da escravidão no Brasil, fosse nas grandes fazendas cafeeiras da Serra do Mar, ou perto das origens, por exemplo na Bahia, onde Baltazar de Aragão já desfrutava dos privilégios de ter sua própria banda de escravos – dirigida por um músico francês. Além de Baltazar de Aragão, a primeira referência no Brasil a uma banda profissional de negros é a banda de D. Raimunda Porcina de Jesus, na região da Chapada Diamantina, que, vendo uma oportunidade financeira na procura de músicos oriundos dos grupos de barbeiros para tocar no átrio das igrejas.

D. Raimunda, também conhecida como a *Chapadista*, começou a comprar escravos no final do século XIX, “especialmente para a formação dessa que seria a primeira banda profissional do Brasil – administrada por um empresário” (Tinhorão, 1998, p. 171).

O Conservatório dos Negros – como era chamada pelos viajantes –, uma organização jesuítica que se encarregava do ensino de música aos escravizados na grande propriedade de Santa Cruz, próximo ao Rio de Janeiro, o modelo de ensino ainda é retratado como historicamente importante na manutenção das bandas de negros que entretinham as fazendas. No período colonial funcionava como instituição de ensino musical e, mais tarde, com a expulsão dos jesuítas e a apropriação da fazenda pela Coroa, Dr. João, o Príncipe, transformou-a em casa de campo. Segundo Souza; Silva; Pinto (2018):

Há relatos também de uma banda que foi aí reorganizada em 1818, e que passou a se chamar Banda de Música da Imperial Fazenda. A Banda executava vários gêneros musicais e contava na sua instrumentação com instrumentos de corda, como violoncelos e rabecões, instrumentos de sopro, como flautas, trompetes e trombones, e percussão (Souza; Silva; Pinto, 2018, p. 15).

Ainda sobre a fazenda de Santa Cruz, em transcrição de relato de Adriano Balbi, Tinhorão (1972), diz que:

Balbi diz ainda que o entusiasmo subiu a tal ponto, que o Príncipe resolveu estabelecer 'escolas de primeiras letras, de composição musical, de canto e de vários instrumentos na sua casa de recreio, conseguindo, em pouco tempo, formar entre os seus negros tocadores de instrumentos e muito hábeis cantores'. E sempre baseado em formações colhidas com brasileiros radicados em Portugal, garantiu que os irmãos músicos portugueses Marcos e Simão Portugal compuseram óperas especialmente para essa orquestra de negros, afirmando: 'Sua Magestade [sic], muitas vezes [sic], assistiu a cerimônias religiosas em que a música foi executada por seus escravos músicos' (Tinhorão, 1972, p. 81).

A tradição da produção instrumental teria sua continuidade a partir do século XIX, quando surgiram as bandas das corporações militares nos grandes centros urbanos. Também seguiram as pequenas bandas ou liras municipais que eram formadas por mestres, nas cidades menores. Como apontado anteriormente, no início da colonização a produção musical se limitou às trombetas, gaitas e aos tocadores de charamelas, organizando-se somente com a chegada de D. João, em 1808. A grande dificuldade em trazer instrumentos de sopro e em ensiná-los pode explicar a ausência de grupos com instrumentação variada no período colonial. À

medida em que tais instrumentos iam se incorporando ao cenário, as bandas militares eram formadas, atraindo os instrumentistas pela profissionalização e pela posição de destaque que tinham (Tinhorão, 1998). Nesse sentido, o autor ainda conclui que

Somente no período posterior à Independência, as bandas dos regimentos de Primeira Linha começaram a merecer maior atenção das autoridades brasileiras, passando a ocupar a condição de instituição isolada na produção de música oficial até ao aparecimento das bandas da Guarda Nacional, a partir da década de 1930 (Tinhorão, 1998, p. 178).

As bandas da Guarda Nacional foram formadas a partir de 1840, surgindo simultaneamente no cenário da produção musical dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Goiás, e contribuindo para a valorização da profissão dos músicos. Essas novas bandas ofereciam oportunidades aos músicos de origem popular, que também se apresentavam em coretos e festas cívicas, fortalecendo o vínculo social e profissional das bandas. As apresentações das bandas eram “uma das poucas oportunidades que a maioria da população das principais cidades brasileiras tinha de ouvir qualquer espécie de música instrumental, nessa segunda metade do século XIX” (Tinhorão, 1998, p. 180).

Posteriormente, as bandas das corporações fardadas encontrariam, na criação da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, o apogeu de seu gênero musical. Organizada por Anacleto de Medeiros (1866-1907), surgiu quando o Rio de Janeiro, então capital do país, orgulhava-se de ter o mais numeroso conjunto de bandas do Brasil, assumindo posição de liderança como formador de músicos profissionais (Tinhorão, 1998). Ainda segundo o pesquisador, além das bandas dos vários regimentos do Exército, havia, no Rio de Janeiro, a antiga Banda dos Fuzileiros, formada em 1808. Com a chegada do Príncipe D. João, surgiram a Banda do Corpo de Marinheiros, a Banda da Guarda Nacional, a Banda do Corpo Policial da Província do Rio de Janeiro, a Banda do Batalhão

Municipal, a Banda do Corpo Militar da Polícia e a Banda da Escola Militar da Praia Vermelha.

A criação da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro coincidiu com o aparecimento das gravações, primeiro em cilindro e depois em discos de setenta e seis rotações. Seguiram-se a estas as gravações pela recém-criada Casa Edison, as gravações da Banda da Força Policial de São Paulo, regida pelo maestro Antão, e da Banda do 1º Batalhão da Polícia, na Bahia, também para a Casa Edison. Mas a inovação viria “às vésperas da década de 1930” (TINHORÃO, 1998, p. 188), quando, em 1927, a fábrica de discos Odeon criou a Orquestra Militar Parlophon, para gravações sob seu selo.

As bandas de música até hoje cumprem papel social importante em seu contato com a população de origem popular, interiorana, encurtando distância entre a música instrumental e suas funções de atrair plateias, formar músicos e reforçar a validação da profissão.

Materiais e métodos

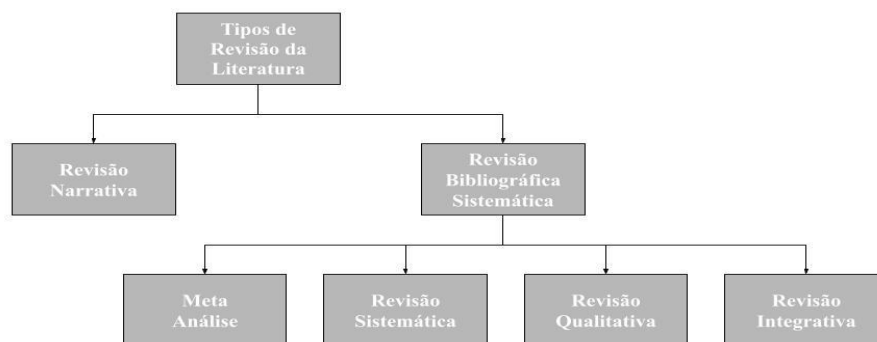
A metodologia de pesquisa escolhida foi a revisão sistemática integrativa, cujos critérios de seleção dos trabalhos foram aplicados de forma totalizadora, imparcial e uniforme. O recorte de busca estabelecido foi o de inclusão de trabalhos produzidos no âmbito da pós-graduação, entre 2009 e 2020, sendo considerados trabalhos no formato de teses, dissertações e artigos. Além disso, optou-se por não considerar os trabalhos de conclusão de cursos de graduação (TCC). Com isso, foi realizado mapeamento dos programas de pós-graduação em música no Brasil, reconhecidos e avaliados pela plataforma Sucupira¹, como fonte de busca desses trabalhos. Tais estudos foram sumarizados e organizados em categorias, com o auxílio das ferramentas “Google Planilhas”, “Miro” e “Zotero”².

¹ A plataforma Sucupira integra o Sistema Nacional de Pós-graduação (SNPG) brasileiro, sendo gerida pela CAPES. Na plataforma é possível ter acesso a informações sobre avaliações e reconhecimento de cursos, propostas de cursos novos (PCN), projeto de cooperação entre instituições, qualis, dados e estatísticas (<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>).

² Ver *infra* nota 9.

A revisão sistemática integrativa se constitui método de pesquisa rigoroso, criterioso, minucioso e auditável, que visa identificar o conhecimento científico em determinada área, por meio de coletas de evidências científicas (BIOLCHINI *et al.*, 2005), em contraposição aos processos de condução das revisões bibliográficas narrativas, que descrevem o estado da arte em determinado tema sob a perspectiva teórica e contextual (Rother, 2007), potencialmente com viés.

Figura 1 – Tipos de Revisão



Fonte: Botelho, Cunha e Macedo, 2011.
Descrição da imagem: Figura utilizada para exemplificar os tipos de revisão.

De modo geral, o método de revisão integrativa é tradicionalmente utilizado na área da saúde. Segundo Botelho, Cunha e Macedo (2011, p. 133), tal método pode ser “incorporado às pesquisas realizadas em outras áreas do saber, além das áreas de saúde e educação”. Esse método potencializa a sistematização do conhecimento científico, viabilizando uma visão holística sobre a produção científica de determinada área, possibilitando uma análise concisa e criteriosa. Os recursos oferecidos por tal método se mostraram pertinentes à realização desta pesquisa, proporcionando a análise de grande volume de conhecimentos científicos (Botelho, Cunha e Macedo, 2011, p. 133).

Neste estudo, foram consideradas como fontes as bases de dados virtuais indexadas³, como repositórios institucionais, periódicos e bases de dados científicos da área. Na intenção de estruturar a estratégia de busca, foi consultada a plataforma Sucupira, com o intuito de conhecer as Instituições de Ensino Superior (IES) que ofertam programas de pós-graduação em música (PPGM). Assim, formulou-se planilha com os nomes e os links dos repositórios institucionais⁴.

Nesse levantamento foram encontradas 35 Instituições de Ensino Superior (IES) registradas na área de conhecimento intitulada ARTES. Juntas, essas 35 IES oferecem um total de 70 programas de pós-graduação em artes, distribuídas em artes cênicas, artes visuais, dança e música. Destes, 19 IES possuem PPGM, perfazendo um total de 22 programas de pós-graduação (PPG), tendo a música como área de concentração. Em mãos dessas informações, buscaram-se dados no catálogo de teses e dissertações da “Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)”, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), JSTOR, Academia.edu, Scielo, *ResearchGate*, *Google Scholar* e em cada repositório institucional⁵.

Ainda na plataforma Sucupira, foram consultados periódicos avaliados no triênio 2010 a 2012 e no quadriênio 2013 a 2016, na área de avaliação “Artes”. Foram encontrados 960 periódicos avaliados pelo Qualis Periódicos, nem todos os periódicos levantados têm suas publicações indexadas e disponíveis na *web*. Além disso, parte desses periódicos deixou de existir. Seria impraticável para a pesquisa consultar individualmente todos os periódicos qualificados pela CAPES. Diante disso, foram utilizados apenas trabalhos indexados e disponíveis nas principais bases de dados públicas. Também foram incluídos os artigos “Diretório de

3 Ver “Os indexadores reúnem um conjunto de títulos de periódicos que passaram por processo de seleção. Impulsionados pela Internet, levam os dados sobre os artigos de periódicos indexados, ou ainda, seus resumos aos leitores. Os indexadores fornecem informações dos artigos originais ao leitor, para facilitar a localização do material de interesse sem que seja necessário procurar minuciosamente todos os periódicos da área em questão. Essas informações incluem, usualmente: autor; título do artigo; título do periódico; ano, volume e/ou número do fascículo; número de páginas; etc.” Biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades – BIBCSH – UFRGS.

4 Mapeamento dos Programas de Pós-graduação em Música do Brasil. Essa planilha foi elaborada a partir dos dados disponíveis na Plataforma Sucupira (<https://bityli.com/aEIDTq>).

5 Ver *link* da planilha de repositórios institucionais consultados (<https://bityli.com/HX545j>).

periódicos da área de música” (Ray, 2004)⁶; “Uma revisão de literatura sobre bandas de música: dados bibliográficos com base em publicações da ANPPOM e ABEM (2013-2017)” Silva e Protásio (2018); “Bandas de música: um levantamento sobre as pesquisas realizadas no Brasil em cursos de pós-graduação *strictu sensu* entre 1983 e 2009” de Kandler e Figueiredo (2010), com o intuito de enriquecer às fontes de pesquisa.

Os descritores definidos para a busca foram: “banda de música”; “banda sinfônica”; “banda filarmônica”; “banda escolar”; “orquestra de sopros”; “mestre de banda”; “filarmônica”; “fanfarra”; “banda marcial”; “ensino coletivo”; “músicos de banda”; “banda militar”; “educação musical em bandas”; e “pesquisas sobre bandas de música”.

No que tange à delimitação linguística, esta pesquisa tratou apenas de trabalhos em português publicados no Brasil, uma vez que, trata-se de estudo que busca um panorama das pesquisas de bandas de música brasileiras. As planilhas preliminares de mapeamento das IES e dos periódicos foram de suma importância para a realização da pesquisa, já que, em muitos casos, os estudos não se encontram indexados, o que aumentou o esforço, por dificultar as prospecções. Na fase de pré-seleção dos trabalhos foram extraídas as seguintes informações: título do estudo, autor(es), resumo, fonte, ano de publicação, local, periódico e vinculação institucional. Em uma primeira avaliação dos títulos, resumos e palavras-chave, foram excluídas as referências que nitidamente tratavam de assuntos não pertinentes à delimitação desta pesquisa.

Em relação aos recursos tecnológicos empreendidos no processamento, sumarização e sistematização dos estudos, foram utilizados: o software Miro; os recursos do “Google documentos”; “Google planilhas” e o software de sumarização Zotero. O planejamento e detalhamento das etapas deste estudo foram executados no programa Miro (quadro colaborativo, mapas mentais, construção de ideias, organização). Soma-se a isto, o recurso “Google documentos”, usado para a criação do protocolo da revisão integrativa,

⁶ Cf. Apesar do artigo estar fora do recorte temporal desta pesquisa, muitas revistas consideradas pela autora no estudo, continuam ativas, sendo referências nacionais na área.

de forma descritiva e detalhada e, ainda, o “Google planilha”, no qual foram criadas 3 planilhas: mapeamento dos PPGMs; periódico, repositórios e indexadores; e dados recuperados. Acrescenta-se também, no gerenciamento das referências bibliográficas, o programa Zotero7 – versão 5.0.95.3 ©2020. A utilização do software foi essencial no processo de organização, tratamento e armazenamento dos trabalhos investigados. Foi disponibilizada integralmente a biblioteca⁸ de estudos levantados neste trabalho.

Esta pesquisa contemplou grande quantidade de dados. Por isso, o estudo foi sistematizado da seguinte forma: na fase I é apresentado um protocolo⁹; na fase II é detalhado o processo de mapeamento dos PPGMs, periódicos e repositórios institucionais; na fase III descreve-se a execução do cronograma de buscas; na fase IV a triagem dos estudos, conforme os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos no protocolo; na fase V são analisados os resumos dos trabalhos; na fase VI a submissão dos dados à metanálise e na fase VII deu-se a escrita do artigo científico.

Uma vez definido o montante documental de trabalhos para esta pesquisa, foi realizada a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave. O objetivo dessa leitura foi elaborar categorias de estudos. Para tanto, foram estabelecidas 23 categorias. Para efeito de classificação dos trabalhos, consideraram-se as seguintes categorias: (1) pedagogia, didática, métodos, técnicas de ensino; (2) composição, arranjo, repertório, análise, apreciação; (3) bandas de música na sociedade civil; (4) bandas de música nas corporações militares; (5) história e biografia; (6) musicologia, estudos de documentos históricos, gêneros, estilos musicais; (7) formação de regente (educador), ensaio (aula), estrutura curricular das bandas; (8) bandas de música nas instituições religiosas; (9) música e mercado; (10) performance, interpretação, técnica instrumental; (11) fonofixação, fonógrafo, gravação; (12) etnografia, sociologia, serviço social; (13) preparação, dinâmicas, técnicas de ensaio; (14)

7 Zotero é um software de gerenciamento de referências com código aberto, desenvolvido pelo *Center for History and New Media* da Universidade George Mason (GMU).

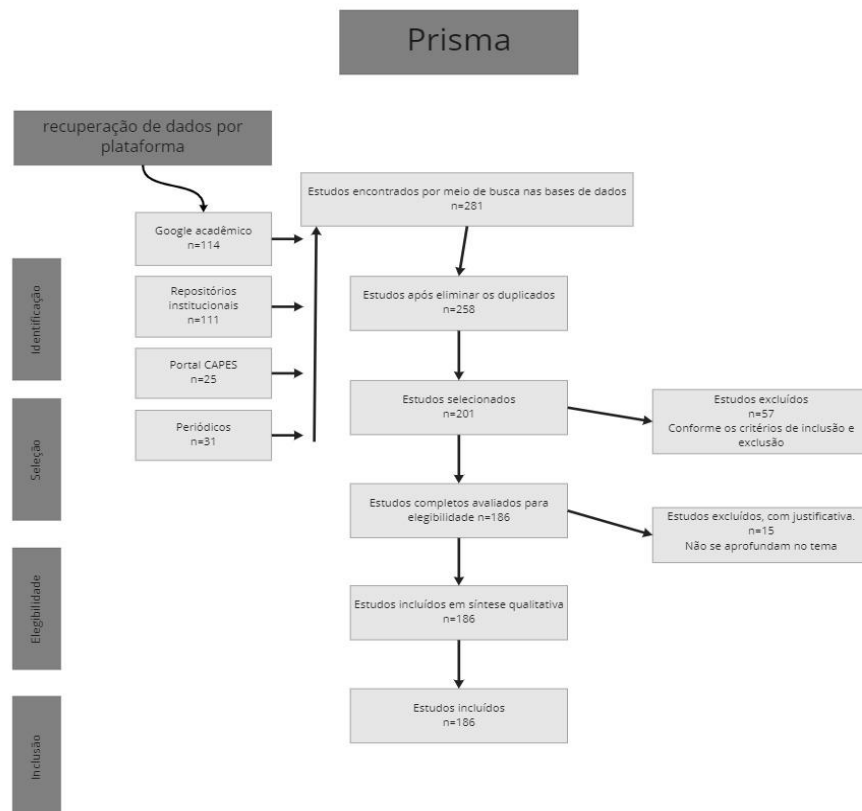
8 Neste *link* acesse a biblioteca dos 186 trabalhos considerados na pesquisa: (<https://www.zotero.org/groups/2752887/settings>).

9 Cf. Elaborado especificamente para a revisão sistemática, o protocolo sistematizou todas as etapas da pesquisa. Acesse: (<https://rb.gy/kxl24l>).

saúde do músico; (15) antropologia, territórios, agenciamentos; (16) políticas públicas, direitos humanos, terceiro setor; (17) revisão da produção científica sobre bandas; (18) a inserção da banda de música no contexto das escolas; (19) recursos materiais, recursos pedagógicos, livros; (20) cognição, psicologia, psicopedagogia; (21) taxonomia das bandas; (22) diversidade, inclusão; e (23) novas tecnologias no ensino coletivo.

Na Figura 2, são apresentadas informações gerais sobre o modelo Prisma de análise dos estudos levantados. Ao todo foram recuperados 281 estudos, oriundos do “Google scholar”, repositórios institucionais e periódicos. As réplicas foram eliminadas, mantendo-se somente fontes elegíveis para estudo.

Figura 2 – Prisma: diagrama de fluxo resumido e etapa de filtragem dos estudos



Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para demonstrar a filtragem dos estudos recuperados.

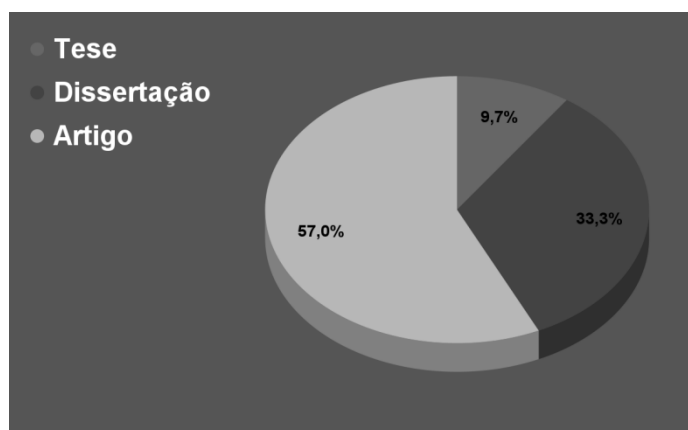
No tratamento dos trabalhos recuperados, esquematizou-se todo o processo de triagem dos estudos por meio de filtros e seus quantitativos. Esses números são referentes aos estudos abordados do período de coleta nas plataformas até a sua validação, de acordo com os critérios estabelecidos no protocolo da pesquisa. Foram recuperados 281 estudos após a primeira análise. Com a remoção dos títulos duplicados, 258 estudos foram considerados elegíveis para o segundo filtro da revisão. No segundo filtro, foram submetidos os 258 estudos aos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos no protocolo desta revisão. Os critérios de inclusão foram: trabalhos em português publicados no Brasil; trabalhos que atendam o recorte temporal de 2009 a 2020; trabalhos que já possuam aprovação pela comunidade científica; trabalhos que abordam como tema central “bandas de música” e suas diversas interfaces e trabalhos na modalidade de teses, dissertações e artigos. Os critérios de exclusão foram: trabalhos que não estejam disponíveis integralmente nas bases de dados pesquisadas e trabalhos que não apresentem a banda de música e suas interfaces como tema central. A definição da modalidade de trabalhos aceitos por esse estudo foi previamente prevista em seu protocolo de revisão. Considerando o critério de qualidade de estudos primários, o trabalho deverá ter sido publicado em periódico com revisão por pares, quando se referir a artigos; ou aprovado por banca examinadora, quando se referir a trabalhos de conclusão de curso do mestrado e doutorado. Ao fim deste processo foram computados 186 estudos elegíveis.

Resultados

Após as etapas de coleta e processamento dos dados chegou-se à exposição dos resultados obtidos nesta pesquisa. Com o intuito de propiciar mais objetividade à apreciação do texto, optou-se por apresentar as informações seguidas de análises quantitativas. O primeiro dado relevante é a somatória dos trabalhos considerados para análise nesta pesquisa. Totalizaram-se 186 trabalhos,

divididos em 18 teses, 62 dissertações e 106 artigos. Na figura 3, a seguir, é possível verificar a distribuição percentual da amostra que contempla 9,7% para teses, 33,3% para dissertações e, com o maior percentual, tem-se a categoria artigos, a qual atingiu 57%.

Figura 3 – Quantitativos de Estudos por Modalidade de Trabalhos



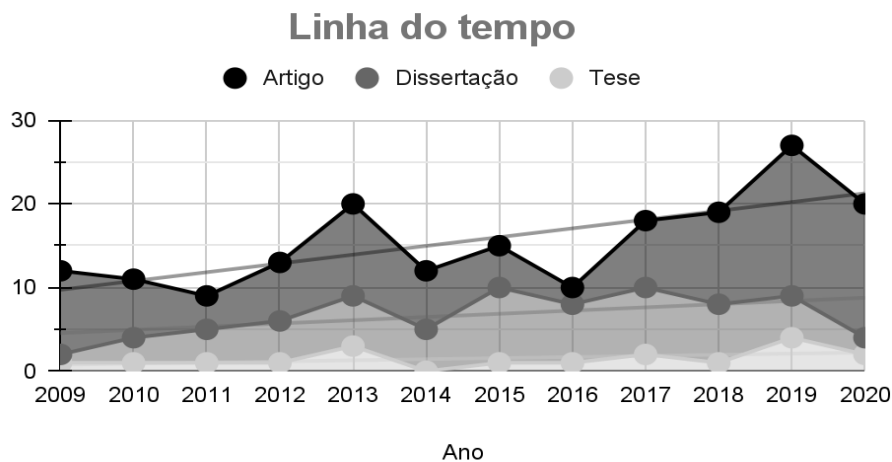
Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para ilustrar os índices percentuais de estudos por modalidade.

Já na figura 4, observa-se a linha do tempo e o quantitativo de publicações consideradas neste estudo. No decurso de doze anos analisados, nota-se aumento nas publicações de teses, dissertações e artigos. Comparando-se os anos de 2009 e 2019, percebe-se crescimento da produção acadêmica relacionada a bandas de música.

Os dados relacionados ao ano de 2020 mostraram declínio na produtividade. Porém, alguns fatores são preponderantes na análise do gráfico. O primeiro está relacionado aos impactos ocasionados pela pandemia de Covid 19, ocorrida no Brasil ao final de 2019. Contudo, o impacto somente foi percebido a partir de março de 2020, quando foram suspensas as atividades presenciais das IES no país. O segundo consiste nos trâmites internos de cada instituição, para articular o recebimento dos trabalhos e o tempo até a sua efetiva publicação nos repositórios institucionais.

Figura 4 – Linha do Tempo das Publicações



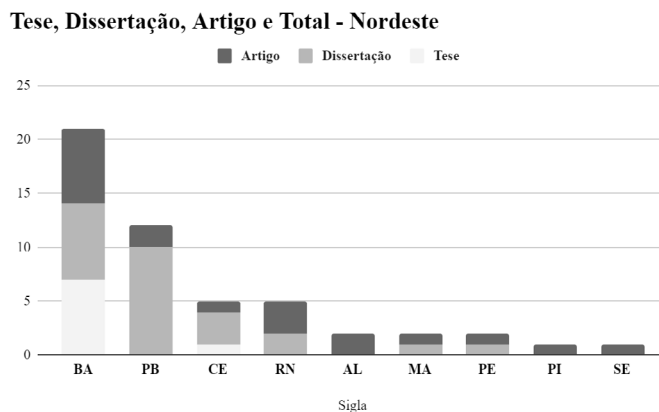
Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para ilustrar as variações no número de publicações por ano.

A seguir tem-se o quantitativo de publicações – teses, dissertações e artigos – em todos os Estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal. A maioria dos estudos foi encontrada nas regiões Sudeste e Nordeste. O restante nas regiões Sul, Centro-oeste e Norte. Não foram encontrados estudos nos Estados de Mato Grosso, Amapá, Acre, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Na região Nordeste foram computados 51 trabalhos, divididos em 24 dissertações, 8 teses e 19 artigos. Essa região apresentou o segundo melhor resultado neste estudo.

Figura 5 – Estudos por Unidade da Federação (UF) – Nordeste

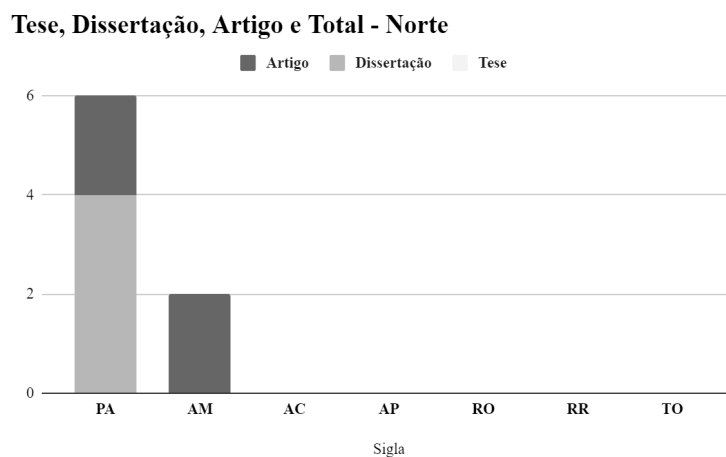


Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para ilustrar as publicações na região nordeste do Brasil.

Na região Norte foram totalizados 8 trabalhos, sendo 4 dissertações e 4 artigos.

Figura 6 – Estudos por Unidade da Federação (UF) – Norte

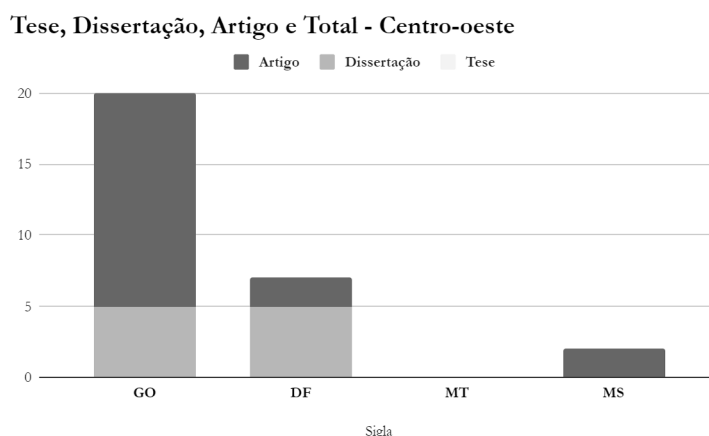


Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para ilustrar as publicações na região norte do Brasil.

Na região Centro-oeste foram computados 19 trabalhos, sendo 10 dissertações e 9 artigos.

Figura 7 – Estudos por Unidade da Federação (UF) – Centro-Oeste.

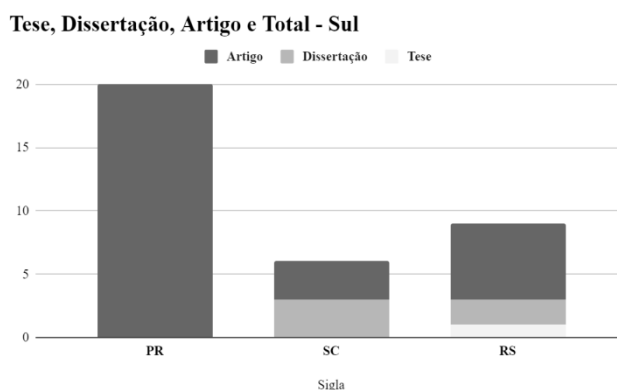


Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para ilustrar as publicações na região centro-oeste do Brasil.

Na região Sul foram totalizados 35 trabalhos, sendo 1 tese, 5 dissertações e 29 artigos.

Figura 8 – Estudos por Unidade da Federação (UF) – Sul

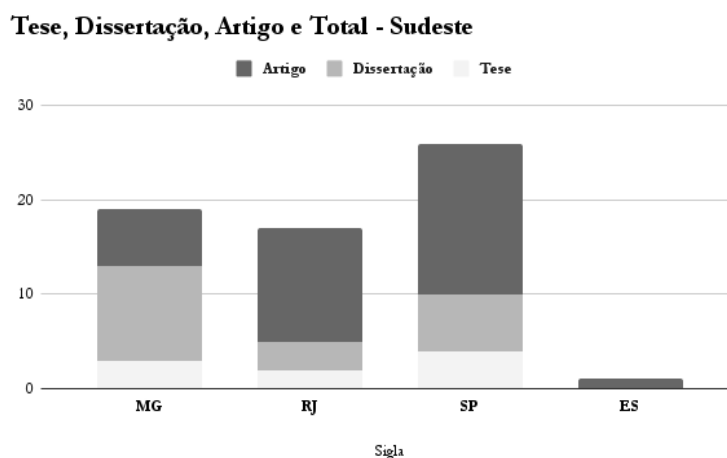


Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para ilustrar as publicações na região sul do Brasil.

Já a região Sudeste apresentou o melhor índice de trabalhos publicados, com a soma de 63 trabalhos, sendo 9 teses, 19 dissertações e 35 artigos.

Figura 9 – Estudos por Unidade da Federação (UF) – Sudeste



Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para ilustrar as publicações na região sudeste do Brasil.

Em suma, o percentual de publicação por região em ordem decrescente foi: Sudeste 33,87% (63 publicações); Nordeste 27,40% (51 publicações); Sul 18,80% (35 publicações); Centro-oeste 15,60% (29 publicações); e, por último, Norte 4,30% (8 publicações). Importante ressaltar que foram utilizadas apenas 2 casas decimais e margem de 0,1 para os arredondamentos – tanto para cima quanto para baixo.

Conforme é evidenciado na figura a seguir, ao considerar o percentual de participação de homens e mulheres nas publicações, apurou-se que houve 64 participações femininas, representando 30,9%; e, ainda, 143 participações masculinas, totalizando 69,1%.

Figura 10 – Produtividade por Gênero



Fonte: base de dados da pesquisa.

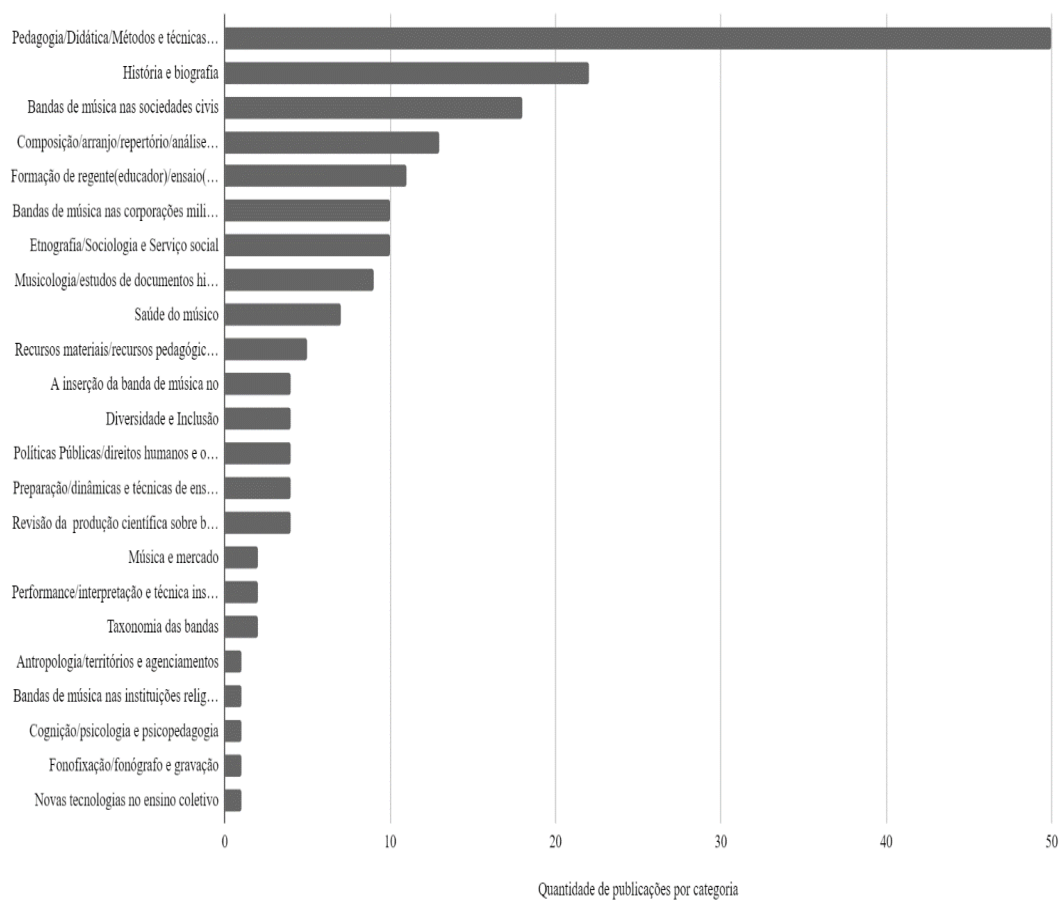
Descrição da imagem: Figura utilizada para ilustrar as publicações por gênero.

A partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, foram classificadas as temáticas dos estudos em 23 categorias. Em seguida, tais estudos foram revisados por 3 pesquisadores, às cegas, com objetivo de reuni-los em grupos. Destaca-se que muitos trabalhos apresentam em sua estrutura temas que trabalham diversas áreas do conhecimento, como: Filosofia, Antropologia, Ciências sociais, Educação, História, História social, Acústica, Sociologia e

outros. O resultado dessa categorização pode ser observado na figura 11, a seguir.

Figura 11 – Categorização dos Estudos Prospectados

CATEGORIZAÇÃO DOS ESTUDOS PROSPECTADOS



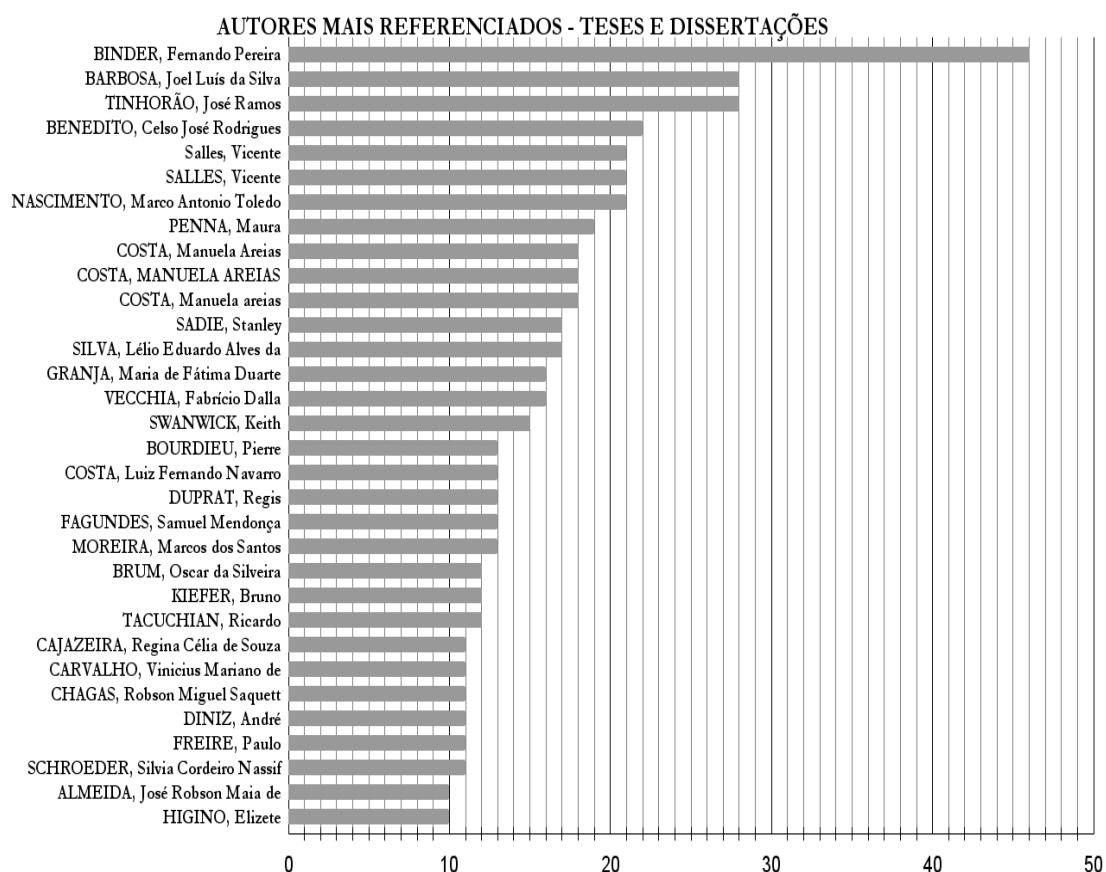
Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para demonstrar a categorização dos estudos recuperados.

Além disso, foram elencados os autores mais presentes nos trabalhos de mestrado (Dissertações) e doutorado (Teses), publicados e utilizados nesta pesquisa. Cada um com seu respectivo índice de publicações feitas dentro do recorte temporal e que tenham atendido os critérios basilares desta pesquisa. Num total de 5.516 referências, houve 3.939 nomes diferentes (esse número despreza as repetições recorrentes entre os autores citados). Disponibiliza-se,

no próximo gráfico, os autores com 10 ou mais referenciamentos nos trabalhos analisados nesta revisão sistemática.

Figura 12 – Autores mais Referenciados em Teses e Dissertações



Fonte: base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Figura utilizada para demonstrar os autores mais referenciados nos estudos recuperados.

Por fim, tem-se na tabela 1, a seguir, o resultado do cruzamento de dados da pesquisa, sobretudo o ranking de produtividade dos Estados (UF), associada ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A partir dessa análise comparativa foram obtidos dados pertinentes. Ademais, o caso da Bahia é interessante: a unidade ocupa 21º posição no IDH. Porém, ocupa o 2º lugar no ranking acadêmico. Já o Distrito Federal, figura como 1º colocado no IDH e 9º lugar no ranking acadêmico. Nota-se que o 6º lugar está ocupado por 2 (dois) Estados, por empate técnico nos cálculos de IDH do IBGE.

Tabela 1 – Relação do IDH com o Quantitativo de Publicações nas Unidades da Federação.

Territorialidade	Posição IDH	Ranking acadêmico	Quant. Estudos
Distrito Federal	1°	9°	7
São Paulo	2°	1°	26
Santa Catarina	3°	10°	6
Rio de Janeiro	4°	6°	16
Paraná	5°	4°	20
Minas Gerais	6°	5°	19
Rio Grande do Sul	6°	8°	9
Mato Grosso	7°	24°	0
Espírito Santo	8°	19°	1
Goiás	9°	3°	20
Mato Grosso do Sul	10°	18°	2
Roraima	11°	26°	0
Tocantins	12°	27°	0
Amapá	13°	23°	0
Ceará	14°	12°	5
Amazonas	15°	15°	2
Rio Grande do Norte	16°	13°	5
Pernambuco	17°	17°	2
Rondônia	18°	25°	0
Paraíba	19°	7°	12
Acre	20°	22°	0
Bahia	21°	2°	21
Sergipe	22°	21°	1
Pará	23°	11°	6
Piauí	24°	20°	1
Maranhão	25°	16°	2
Alagoas	26°	14°	2

Fonte: IBGE (2017)¹⁰ e base de dados da pesquisa.

Descrição da imagem: Quadro demonstrativo da relação do IDH com o ranking de publicações por Estado.

¹⁰ Dados do IBGE e de registros administrativos, conforme especificados nos metadados disponíveis em: <http://atlasbrasil.org.br/acervo/biblioteca>. Acesso em: 11 de abril de 2022.

Discussões

Para proporcionar melhor apreciação dos resultados desta pesquisa, foram definidos alguns pontos que podem nortear as discussões acerca da produção acadêmica associada ao universo das bandas de música no Brasil. A primeira questão é a comparação do volume de produção por Estado, em relação ao seu IDH. No decorrer deste trabalho observou-se que os Estados brasileiros apresentaram notáveis discrepâncias no volume de produção acadêmica no que tange à temática “bandas de música no Brasil”. Desse modo, investigou-se se o IDH era fator determinante para a quantidade de trabalhos publicados. Após análise, constatou-se que a Bahia foi o Estado que apresentou o segundo maior número de produções acadêmicas e performa em vigésimo primeiro lugar no ranking nacional do IDH. De modo muito semelhante, observou-se essa tendência em Goiás – que apresentou a terceira maior produção acadêmica, mas possui o nono melhor IDH entre os Estados brasileiros. Por outro lado, tem-se o Estado de São Paulo, que aparece em segundo lugar no IDH, ocupando a primeira posição no ranking de produção acadêmica (Atlas Brasil, 2022).

Em seguida, foram comparados os dados de produção por Estado com a relação de bandas por Estado, fornecida pela Funarte (2002). Sabe-se que este banco de dados não representa com fidelidade o cenário das bandas de música no Brasil – acredita-se que o número de bandas de música registradas neste portal seja bem inferior à realidade. Apesar disso, é interessante notar que os dados obtidos na plataforma da fundação revelam que a quantidade de bandas por Estado é condição que contribui para um volume maior de produção acadêmica dirigida às bandas de música. Verificou-se que os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Ceará, Rio de Janeiro e Bahia estão entre os cinco Estados que mais possuem bandas cadastradas no portal da Funarte e, dentre estes, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia estão entre os Estados com o maior índice de produção acadêmica. Diante deste cenário, pode-se inferir que a produção científica relacionada às bandas de música no Brasil é influenciada com mais força pelos elementos culturais

– como o fomento e a popularização das bandas de música, do que pelos econômicos. Evidentemente não se pode desconsiderar que os investimentos nos cursos de pós-graduação figuram como elemento basilar para o surgimento de novas pesquisas.

Um outro aspecto que merece atenção são os temas que foram mais abordados pelos autores. De acordo com os dados coletados nesta pesquisa, observou-se que a maior parte dos trabalhos, ou seja, 26,88%, foram classificados como Pedagogia/Didática/Métodos e técnicas de ensino, seguidos da categoria História e biografia com 11,83% e Bandas de música nas sociedades civis com 9,68%. Esse percentual encontra consonância com os resultados que foram evidenciados em Kandler e Figueiredo (2010). Diante disso, pode-se deduzir que as questões ligadas ao ensino musical e ao registro dos processos de ensino-aprendizagem que são desenvolvidos nos agrupamentos musicais, bem como, as sutilezas que envolvem a preservação do patrimônio imaterial de determinada banda de música, constituem o universo preferencial dos pesquisadores nesta última década.

Por outro lado, têm-se as categorias que foram pouco exploradas, entre elas foram citadas: performance/interpretação e técnica instrumental; saúde do músico; diversidade e inclusão; etnografia/sociologia e serviço social; taxonomia das bandas e; outros. Ainda nesse sentido, têm-se os tópicos que receberam pouca ênfase, como a profissão regente de bandas, as abordagens acerca do repertório e o acervo musical.

Conforme se verifica em Silva (2018), os regentes de bandas são profissionais multifacetados que desempenham diversas funções e, por isso, precisam de formação generalista que abarque conteúdos sensíveis à sua atuação. De acordo com o autor, há pouca preocupação no meio musical com a formação desse profissional e essa percepção pode ser constatada por meio dos resultados obtidos neste trabalho. Considerando a importância que esse profissional exerce sobre a manutenção das bandas de música e o seu papel como educador musical, faz-se necessário intensificar a pesquisa sobre esse tema, privilegiando os aspectos que envolvam sua formação polivalente.

O repertório das bandas de música também foi pouco explorado. Sabe-se que existe, por parte da Funarte, interesse em disponibilizar partituras gratuitas para o desenvolvimento das atividades das bandas de música. No entanto, não foram encontrados – neste levantamento de dados – trabalhos que verifiquem os efeitos dessa iniciativa. Ou seja, não há dados que demonstrem, por exemplo, a receptividade desse material entre as bandas. Investigações nesse sentido podem ajudar a instituição a aperfeiçoar esse serviço, do mesmo modo que podem auxiliar os regentes no desenvolvimento e pesquisa de novos repertórios, sonoridades e vertentes musicais.

Por esse mesmo ângulo, percebe-se que o tema acervo musical se fez pouco presente nos trabalhos selecionados nesta pesquisa. Silva (2018) relata que a criação de bandas de música no Brasil se deu já no início do século XIX. Ou seja, tem-se no Brasil um acervo musical pouco explorado. O surgimento de mais pesquisadores interessados nessa temática poderia favorecer a preservação desse patrimônio, bem como a difusão e a popularização de composições negligenciadas.

Por fim, outra questão essencial para debate amplo e produtivo são os temas que não foram explorados. Considerando apenas as teses e dissertações que foram coletadas nesta pesquisa, é interessante notar que houve aumento de 105,12% no volume de produção acadêmica direcionada à área de bandas de música do período de 2009 a 2020, em relação à amostra de 1983 a 2009, coletada por Kandler e Figueiredo (2010). Apesar desse crescimento, entende-se que determinados pontos ainda carecem de investigação, dentre os quais se tem:

a) técnicas de ensaio, engajamento e promoção das bandas de música – é essencial o surgimento de trabalhos que busquem, em outras áreas do conhecimento, como a administração, o marketing e a psicologia, materiais que possam auxiliar de forma mais abrangente as bandas no seu desenvolvimento;

b) tabelas de nivelamento e classificação – o repertório proposto para as bandas de música vem sofrendo algumas transformações ao longo do tempo e não foram encontrados materiais que discutem as vertentes dessa temática no âmbito da música brasileira. Desse modo, acredita-se que tal conteúdo poderia ser útil para ajudar as corporações no desenvolvimento do seu repertório, bem como, a popularização de produções musicais menos exploradas;

c) técnicas de transposição, adaptação e editoração – sabe-se das dificuldades presentes no dia a dia de muitos regentes e mestres de bandas no Brasil. Iniciativas nesse sentido poderiam contribuir para a disseminação desses conhecimentos dentre as bandas brasileiras;

d) warm-up (aquecimento), técnicas de respiração e concentração – além de investigar metodologias que proponham o emprego de tais técnicas, seria interessante elucidar os impactos e a relevância da adoção dessas medidas;

e) mapeamento regional das bandas brasileiras – faz-se importante quantificar o cenário de bandas de música por municípios, estados e regiões, pois tal medida pode auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas mais assertivas;

f) relacionar os cursos de formação, graduação e pós-graduação que são direcionados para aperfeiçoamento de profissionais atuantes em bandas de música; e

g) metodologias de ensino inovadoras – apesar de grande parte dos trabalhos apresentarem temáticas que envolvem a didática, a extensão e a inovação não foram exploradas. É importante revelar trabalhos que combinem a disponibilidade dos novos recursos tecnológicos, as transformações do comportamento social e as descobertas acerca da cognição e psicomotricidade humana.

Considerações finais

Nesta pesquisa, realizou-se revisão sistemática integrativa das produções acadêmicas, entre 2009 e 2020, que apresentaram em sua temática assuntos voltados às bandas de música no Brasil. A partir disso, constatou-se que neste período houve aumento na produção de trabalhos publicados em relação aos dados que foram apresentados por Kandler e Figueiredo (2010). Além disso, observou-se que os estados com maior índice de publicações não são necessariamente os estados com os melhores índices de IDH – mas, sim, os estados que possuem o maior quantitativo de bandas de música constituídas e PPGMs.

Outro ponto significativo foi a análise dos temas trabalhados pelos autores, que se dividiu da seguinte forma: os temas que foram mais recorrentes, seguido dos temas que foram poucos explorados; e, por fim, os temas que não foram abordados. Nessa perspectiva, ressalta-se que, apesar do crescimento de estudos relacionados ao campo que considera as bandas de música como objeto central, existem temas importantes que não foram observados nos trabalhos prospectados. Por esse motivo, disponibilizou-se a biblioteca de trabalhos¹¹ deste artigo para contribuir com o surgimento de novos estudos com esse viés metodológico. Esta proposta visa formar biblioteca colaborativa, que sirva de base de dados a outros pesquisadores, os quais poderão consultar e também sugerir novas referências.

¹¹ Ver *Supra* nota 10.

Considerando a relevância dos estudos que privilegiam os assuntos voltados às bandas de música no Brasil, entende-se que é justificável a criação de um congresso, de âmbito nacional, que, de forma ampla e produtiva, traga à luz do debate os assuntos relacionados a esta temática. Logo, espera-se que esta pesquisa sirva como estímulo para que outros pesquisadores investiguem, com mais profundidade, as particularidades que envolvem o campo das bandas de música no Brasil.

Referências

ATLAS BRASIL. **Consulta**. 2022. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/acervo/biblioteca>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES (BIBCSH). **Indexadores x Qualis**. UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bibcsh/servicos/producao-intelectual/indexadores-x-qualis/>. Acesso em: 24 maio 2021.

BIOLCHINI, Jorge *et al.* Systematic review in software engineering. **System engineering and computer science department COPPE/UFRJ**, Technical Report ES, v. 679, n. 05, p. 45, 2005.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v.5, n. 11, p. 121-136 maio-ago. 2011. Disponível em: <http://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/1220/906>. Acesso em: 14/04/2022.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES (FUNARTE). **Projeto Bandas**: bandas de música por estado cadastradas na Funarte. Disponível em: <http://sistemas.funarte.gov.br/consultaBandas/>. Acesso em: 23 maio 2021.

KANDLER, Maria Ana; FIGUEIREDO, Sérgio. Bandas de música: um levantamento sobre as pesquisas no Brasil em cursos de pós-graduação stricto sensu entre 1983 e 2009. *In: Anais do Congresso*

Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. 2010. p. 495-506.

RAY, Sonia. Diretório de periódicos da área de música. **Revista Música Hodie**, v. 4, n. 1, 2004.

REZENDE, Maria Conceição. **A música na história de Minas colonial.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

ROTHER, Edna Terezinha. Systematic literature review X narrative review. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, p. v-vi, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SILVA, Lélío Eduardo Alves (Org.). **Manual do mestre de banda de música.** Rio de Janeiro: Walprint Gráfica e Editora, 2018.

SILVA, Reginaldo Sebastião; PROTÁSIO, Nilceia. Uma revisão de literatura sobre bandas de música: dados bibliográficos com base em publicações da ANPPOM e ABEM (2013-2017). **Anais do V Simpósio Brasileiro de Pós-Graduação em Música**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, 2018. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/7727>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SOUZA, David Pereira de; SILVA, Lélío Eduardo Alves da; PINTO, Marco Túlio de Paula. **Manual do mestre de banda de música.** Rio de Janeiro: Edições FAPERJ, 20018.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular de índios, negros e mestiços.** Editora Vozes, 1972.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira.** Editora 34, 1998.